



O NOVO FANGUEIRO

Director: ARMANDO SARAIVA

EDITORIAL

QUE SE PASSA?

Como devem agir os autarcas perante o problema da industrialização ou perante o desejo, legítimo aliás, das pessoas em quererem ver as suas terras enriquecidas com mais indústria e quem diz indústria diz comércio ou qualquer outro benefício: esperar ou agir de imediato com o inerente sentido de antecipação?

Não vamos responder a esta pergunta sem primeiro focar a questão que deu motivo à mesma: o caso do Hotel do Pinhal.

Como é do conhecimento público, esta ex-unidade hoteleira – sim que ela agora não é nada – foi vendida ao empresário Manuel Barbosa que na sua aquisição dispendeu, segundo calculamos, algumas centenas de milhares de contos.

Relembrando o que já foi noticiado, este conhecido homem de negócios, de raiz minhota, apresentou nas instâncias competentes



um projecto de remodelação e ampliação das actuais instalações onde pensava investir outras largas centenas de milhares de contos. Falou-se até em milhões, ou pelo menos, em um milhão, vírgula tal. O projecto, porém, não foi aprovado, mas nós não vamos aqui e agora dissecar os motivos da sua não aprovação.

Disseram-nos que o assunto já tinha sido abordado numa das assembleias de freguesia e que, sobre o assunto, um dos nossos autarcas teria dito: “A Junta está pronta a apoiar qualquer iniciativa do género, as pessoas interessadas que venham falar connosco”.

Ora foi a propósito desta frase que nós, depois de muito matutarmos, nos pusemos a nós próprios a pergunta que está subjacente ao texto: esperar ou ir ao encontro?

Segundo a nossa maneira de ver, o autarca tem que se antecipar, tem de ir ao encontro, deve procurar quem esteja ou possa vir a estar interessado, tem de propôr, aplanar dificuldades e até conceder facilidades, tem, como se costuma dizer, de sair de casa. Por isso, quando se chega ao período da escolha, ou antes, da elaboração das listas para as autarquias, devem procurar-se pessoas que, além de sérias, criadoras e activas, devem possuir um bom relacionamento com o universo empresarial e com outras pessoas importantes e de múltiplas influências.

Sabemos de autarcas que têm conseguido entusiasmar e convencer pessoas a adquirirem casa em Fão. O princípio é o mesmo. Esses autarcas não se limitaram a esperar em casa que as coisas viessem ao seu encontro. Foram eles ao encontro delas. É claro que há terras e terras: umas, que pelas suas características, pelo seu desenvolvimento, pela maneira de ser dos seus habitantes, pelo futuro promissor que as espera são, por isso mesmo, polos de atracção, e outras, que por lhe faltarem estes ingredientes, não se dá por elas e não causam ou não despertam apetência para nelas se trabalhar ou

(Continua na pág. 7)

O PERFIL DO MÊS

Por ARMANDO SARAIVA

Prof.
Alberto
Pedras



Por princípio os vultos que temos trazido a esta secção comportam algo de singularizante que os diferencia dos outros conterrâneos. É certo que as pessoas são indivíduos, seres singulares – cada um é como cada qual – com personalidade própria, mas o seu viver tem muito do *modus agendi* colectivo, são, numa palavra, substantivos comuns que vistos de um certo espaço e num determinado ângulo, actuam sob a constância e a fixidez da analogia.

Há contudo excepções, criaturas que dão nas vistas por este ou aquele motivo, que ficam na nossa retina e até na memória, caso faleçam. São as pessoas diferentes que pelo seu modo de agir, pela sua maneira de estar no mundo, pela sua queda p'rás artes e p'rás ciências, pelo modo como subiram as escadas da vida, pelo seu sentido de solidariedade, pela sua bonomia e até pelo seu tipicismo, se distinguiram dos demais, em regra com um lado positivo, que o mesmo é dizer, deixando uma boa imagem.

Ora nós hoje queremos evocar aqui uma figura aparentemente anódina, mas que se destacou pela sua jeiteira: o prof. Alberto Pedras. Tinha jeito para tudo. “Possuía uma mãos divinas”, como nolo recordou o Mário Belo. Ele montava um “Galena” – rádio receptor primitivo, de fraca potência, em que o cristal de galena constituía o elemento essencial – com a mesma facilidade com que se descasca um ovo. Corrigimos: há pessoas que sentem mais dificuldades em tirar a casca a um ovo de que o Alberto Pedras sentia a aprontar um desses receptores. “Isso para ele era uma coisa demasiado fácil”, confirma ainda o Mário. “Tudo quanto dissesse respeito a rádios, a motores, a física, a electricidade, a serralharia, ele resolvia tudo”. Não aprendia limitando-se a ver os outros fazer. Era sem dúvida um observador atento, inquiridor até ao último pormenor, mas preocupava-se em saber a razão das coisas. Prático sim, executivo também, mas fundamentava-se na teoria, o que o obrigava a muita leitura da especialidade ou das várias especialidades a que se dedicara desde muito

(Continua na pág. 2)

Cooperativa Cultural de Fão

De 10 a 18 de Abril está patente ao público na nova sede da Cooperativa – Rua Visconde S. Januário (junto ao chalé) – uma exposição de navios, veleiros, quadros e peças em miniatura de Fão antigo (coleção particular de Armando Barbosa).

O PERFIL DO MÊS

(Continuado da pág. 1)

novo. No seu tempo de estudante montou na sua casa em Barcelos, com a ajuda de vários colegas, um posto emissor, servindo-se de algumas peças de rádio. Teve vida efémera o recém-construído aparelho: a fiscalização dos CTT andou-lhe na peugada e não houve outro remédio se não inactivá-lo e fazê-lo desaparecer.

Não se pense, porém, que era um "expert" só em alta tecnologia. Não. Era pau para toda a colher. Quando regressou de África, ao fim de 15 anos, encontrou a sua casa muito mal tratada. Estava a cair, como se costuma dizer. Era preciso rebocar e pintar as paredes, tratar do chão, segurar e remodelar o telhado, substituir a canalização, reparar a electricidade, renovar a móbiliária, reconstruir a casa de novo, em suma. Com o auxílio apenas de dois filhos, deitou mãos à obra e a casa acabou por ficar comodamente habitável.

Alberto de Oliveira Pedras nasceu na Póvoa de Varzim em 12-11-1920, estudou em Barcelos até ao 7.º ano, fez em seguida exame específico para ser professor do Ensino Básico sem ter frequentado qualquer escola do Magistério Primário que nessa altura – 1942 – estavam fechadas. As férias passava-as em Fão, na rua das Pedrinhas, onde os seus pais tinham uma casa. Aqui fez amigos, casou-se e pescou. Era na verdade um danado pela pesca. As enguias e os robalinhos tinham mais medo dele do que do diabo. Do Xico Glória também. E dos Glórias todos, inclusivé do Néné.

Dotado de espírito vagamundista – era um *globetrotter* – correu Seca-Meca. Em Portugal leccionou em Louro (Famalicão), Forjães (Esposende), Merufe (Monção), Balasar (Póvoa de Varzim), Barqueiros (Barcelos), Apúlia (Esposende), Gondomat e Aver-o-Mar (Póvoa de Varzim). Em terras onde houvesse rio ou mar, aí tínhamos o Pedras de cana de pesca na mão. Disse-nos a esposa Edir que raramente comprava peixe. E quando estiveram em Angola (1957-1975), além do peixe, também não compravam carne. O marido, não esquecendo aquele milenar conselho: "em Roma sê romano", converteu-se ao culto da deusa Diana, tornando-se um inveterado caçador. Antes de se radicarem em Angola, viveu ainda um ciclo de três anos no Brasil. Sempre o bichinho da aventura. Aqui chegado, o seu primeiro emprego foi num armazém de tecidos. Passado pouco tempo, encontrou na rua, por simples acaso, o seu "inimigo de peito" António Herdeiro com quem estava de relações cortadas. Mas os laços da conterraneidade foram mais fortes. abraçaram-se, conversaram, mataram saudades e o Herdeiro convenceu-o a ir trabalhar na sua empresa, uma companhia de navegação brasileira. O Pedras aceitou o repto, sujeitou-se a um exame no qual revelou conhecimentos bastantes e logo seguiu para a Holanda onde integrou a tripulação de um navio que foi carregar petróleo ao Médio Oriente. Regressado ao Rio, beneficiou de uma promoção, ficando com um posto mais elevado que o camarada conterrâneo. A vida começava a sorrir-lhe.

Mas o espírito vagabundista não o desamparava. Nem a nostalgia, nem a lembrança dos seus e a dos amigos. E um dia, já três anos eram passados, estando no cais do porto, vê um

barco que ia partir para Portugal. Não pensou duas vezes. Vai à polícia, legaliza os documentos e embarca para a sua pátria. Depois é que se dá a já aludida estadia em Nova Lisboa donde regressa com o 25 de Abril.

Como era o Alberto Pedras na intimidade e sobretudo no convívio diário com os seus conhecidos? Diz um seu familiar: "Era um homem alegre, bem disposto, e sempre com uma anedota para contar". Um dia, estando na Barra com a aparelhagem de mergulhador, resolveu pregar uma partida a um amigo que também pescava. Mergulha fundo, prende o anzol do pescador aos seus calções e começa a dirigir-se, sempre invisível, em direcção ao mar. O amigo, pela força que a cana fazia, julgou ter apanhado um grande peixe, e então caminhou ao longo do cais e foi Tateando a linha conforme pôde, com medo que a cana partisse ou que a "sediela" rebentasse. Qual não é o seu espanto quando vê o Pedras emergir das águas mais à frente todo aborrecido e a fazer um forte banzé por ter sido pescado!...

Dissemos lá atrás que o Pedras e o Herdeiro eram "queridos inimigos" e agora vamos dizer porquê. No tempo em que ambos frequentavam o Galo D'Oiro, "pegavam-se" constantemente. Era uma maneira de passar o tempo ou de esmagar o tempo. Discutiam por discutir e para discutir. Havia uma base comum de retaliação que acicatava o relacionamento entre os dois: o Herdeiro tinha a mania que era ateu e comunista e fazia alarde disso. O Pedras era um homem religioso e politicamente era uma pessoa cordata, nada "anti". Danava-se todo sempre que o Herdeiro vinha com as suas teorias. Numa altura, quando constou que Salazar ia pernoitar no Hotel Ofir onde o Herdeiro trabalhava, o Pedras atirou-lhe à cara: "Está calado que quando vires o Presidente do Conselho, até lhe vais fazer continência". O seu parceiro de conversa protestava que não: até ia cortar a luz!... Salazar esteve realmente no hotel, a caminho de Ferrol, onde ia conferenciar com Franco. No dia seguinte, quando o Herdeiro chegou ao café, aquilo foi uma gozação, pois constava na freguesia que ele tinha feito continência ao chefe do Governo quando este passava por entre a ala formada pelos empregados do Ofir. O António ficou pior que uma barata e logo presumiu que a "boca" tivesse sido espalhada pelo seu rival das discussões. Perpetuou-se a partir daí a zanga entre os dois.

Por último e para culminar o perfil do prof. Alberto Pedras, não resistimos à tentação de contar a história do cinema erótico, impróprio para menores de quatorze e maiores de setenta anos, que se exibiu em Fão durante um determinado período. Naquele tempo, há uns trinta ou quarenta anos atrás, a moçada das Pedreiras vinha à noite "até Fão" para passar umas horas e regressava a Penates por volta da meia hora. Uma rua de passagem obrigatória era a que liga a casa do António Gaifém à Alameda do Bom Jesus. Actualmente tem o nome de Campos Morais. Nessa mesma artéria, do lado do rio, situava-se a habitação das Senhoras Marinhas que tinha – e ainda hoje tem – a particularidade de possuir na parede do edifício sul – eram duas casas – duas janelas rectangulares que à hora em que a malta se vinha embora estavam sempre com a luz

acesa. Um dia, quer dizer, uma noite, alguém do grupo dos jovens noctívagos lembrou-se, por simples curiosidade, de espreitar por um deles, situado a uma altura de quase dois metros. Fincou-se no coice do muro, agarrou-se às grades do postigo e naturalmente olhou. E que foi o que viu? Era o quarto das empregadas, uma cerca de vinte anos e outra de menos de vinte e cinco, que àquela hora se vinham deitar, mas que antes se lavavam numa bacia que cada uma trazia cheia de água, porventura tépida. Lavavam-se e mudavam de roupa íntima, assim concluiu o mirone nocturno, face ao que os seus olhos viram. Uma, a mais nova, possivelmente por uma questão de pudor, resguardava-se da colega e vinha plantar-se mesmo em frente e próximo do tal janelo, nunca imaginando que... O "espião" demorou-se um bom bocado – o caso não era para menos – e entretanto a camarilha que não dera por nada, foi indo para as suas casas.

Ao outro dia foi-lhes contado pelo espreitador, tim-tim por tim-tim, o segredo da sala iluminada sempre à mesma hora. Nessa noite já poucos foram ao café, ou ao clube ou conversar com a namorada. Esperaram que a luz acendesse e toca a dependurar-se no muro a admirar o espectáculo. Assim se formou a tertúlia em Fão do cinema ao ar livre, de pé, à borla e com cenas eventualmente chocantes. Houve o bom senso de não alargar a "plateia", pelo que o número de confrades foi sempre restrito – o segredo é a alma do negócio – até que chegou a vez do prof. Pedras. Uma noite ia a passar no referido lugar, sempre frequentado, e um patusco qualquer, um dos tais, convidou-o a subir à "plateia". Ele assim fez, mas não se aguentou: no momento em que a mais nova veio ritualmente desnudar-se à sua frente, perdeu-se de riso, fraquejaram-lhe as forças e catrapuz: malhou no chão. O seu tombo causou tal alarido na freguesia que as locatárias, destempadamente alertadas, tomaram medidas bloqueadoras.

Foi assim que um trambolhão acabou com o cinema na terra fangureira.

Em caso de dúvida
nalguma palavra deste
jornal, dedique-se por uns
momentos a outra leitura.



8.ª edição

PORTO EDITORA

A história de uma cadela que teve 10 cãesinhos

Quem passava junto ao Café Chale, à noite, podia ver, na passadeira que está à entrada do edifício, um cão vadio que ali se aninhava até de manhã.

Um dos passantes era o João Pedras que vinha até ao Bom Jesus passear o seu lindo cão. É mesmo bonito o raio do animal! Pelos vistos, a tal cadela também o achava um "pêssego" e, logo que o topava, desamparava a porta do café e seguia os dois até ao Largo Manuel Magalhães onde vive o Dior fangueiro. Como este não lhe franqueava a entrada, lá ficava a pobre Dulcineia ao relento, à espera de um latido ou de uma outra qualquer meiguice que nunca surgiam. Mas o hábito de ali pernoitar ficou.

A cadela no entanto vingou-se. Vendo que não era correspondida, aceitou namoro com um qualquer vadio que por ali apareceu e engravidou. Passaram-se os dias, passaram-se os meses e o fim da gestação terminou. Os moradores do largo arranjaram uma casota e puseram-na à disposição da parturiente para que ela tivesse ali a sua *delivrance*; mas a cadela não havia maneira de dar à luz. Qualquer coisa não estava a correr bem. Isso via-se pelo sofrimento que o animalzinho demonstrava. Condoído, o filho do João e mais uma senhora, que também é zoófila, resolveram levar a cadela a um veterinário da Póvoa.

Feita uma radiologia e mais uns exames complementares, o diagnóstico do clínico foi determinante: "Um dos nascituros estava numa posição difícil de modo que nem ele nem os irmãos podem sair. Impõe-se uma operação se não morre a mãe e morrem as crias.

Bem, a senhora, uma boa alma, teve pena da cadelinha que bem conhecia e deu ordem para operar. A ninhada era de dez, salvaram-se sete, e neste momento mãe e filhos encontram-se de boa saúde no tal casoto, no largo do Fontes. A conta apresentada pelo veterinário foi de 17 contos e quinhentos. Entendemos que o sacrifício não deve ser apenas seu. Todos os amigos dos animais devem colaborar. O Café Chale fará chegar à bondosa senhora, que nem é rica, aquilo que os leitores quiserem oferecer.

BOLETIM INFORMATIVO

Editado por Gaivota - Associação de Defesa do Ambiente de Apúlia - recebemos um Boletim Informativo que tem por tema central o *Ambiente, uma das grandes preocupações da nossa sociedade consumista*, segundo se pode ler no respectivo editorial, da autoria de José Manuel Fonseca, o que infelizmente é verdade.

Todos os textos versam sobre o ambiente, razão de ser da Associação e do seu órgão informativo.

A impressão do boletim é feita na litografia apuliense Apuligráfica. Pela amostra estamos convencidos que Gaivota possui uma finalidade prioritariamente pedagógica pelo que felicitamos vivamente os seus responsáveis fazendo votos por uma longa vida.

O BOM JESUS DE FÃO

POR CARLOS MARIZ

XV - OBRAS DE CONSTRUÇÃO DA MATRIZ

Em 12-11-1869 o Mestre Pedreiro João Alves da Silva, de Barcelinhos, arrematou a obra de pedreiro por 589.000 réis, o Mestre Manuel Francisco Ramos arrematou a obra de caiador por 330.000 réis e Joaquim Fernandes da Silva, de Barqueiros, arrematou a obra de carpinteiro por 448.000 réis. Depois tiveram de aguardar a aprovação do Governador Civil de Braga, que só deu a sua concordância em Fevereiro de 1870. As obras começaram em Abril seguinte e terminaram em Junho de 1874, embora, posteriormente, se fizessem outras.

As principais obras executadas foram: ⁽⁶²⁾

1 - Friestas novas em toda a igreja;

2 - O frontespício foi apeado até ao padieiro da porta principal para reconstruir, subindo um metro e sessenta e cinco centímetros acima dos cunhais, colocaram friestas apiladas sobre o coro com 2,42 metros de altura e 1,21 metros de largura.

Fizeram duas ordens de friestas, uma de cada lado da friesta grande, alteando-a 1,98 e mais dois palmos, para dar luz para a igreja e para o coro, levando esta a meio uma travessa de pedra para servir de padieira e encobrir a trave do coro, ficando a dita friesta dividida em duas.

As friestas, segundo o contrato, tinham de ficar com 5 1/2 palmos de vivo e as de cima, o mínimo de 8 palmos de vivo ou o necessário, atendendo à altura da frontaria e da cornija;

3 - Uma friesta na Capela-mor, do lado do mar, para dar luz ao trono;

4 - Os arcos foram desmontados até ao capital, sendo o fronteiro ao púlpito demonstrado até à altura de lhe poder colocar outro púlpito com as escadas. A altura dos arcos foi aumentada 99 centímetros, contando com a grossura do capitel, ficando os panos das paredes sobre os arcos também 99 centímetros mais acima, para dividir as águas;

5 - A parede sul, junto ao cunhal, foi desfeita e levantada o necessário para apumar e todas as paredes exteriores subiram 1,65 metros, inclusivé a cornija.

Os quadros das paredes da Capela-mor e todas as da nave principal foram alteadas 1,98 metros.

6 - As duas portas das sacristias, que dão para a capela-mor, foram levantadas 44 centímetros e alargadas 22 centímetros;

7 - O telhado levou madeiramento novo;

8 - Os pés direitos dos quatro altares laterais foram elevados 17 palmos e aumentados 9 palmos à largura. Deixaram espaço para os devotos do Coração de Maria e da Senhora da Piedade colocarem os respectivos altares;

9 - A parede da porta de entrada da sacristia foi toda desmontada, reconstruída e levou uma porta nova igual à que liga à capela-mor, com nova soleira;

10 - Fizeram arco cruzeiro novo;

11 - Fizeram um andar por cima da sacristia principal, com duas janelas, para o que altearam as paredes dos lados sul, nascente e poente;

12 - Lagearam todo o chão desde o degrau junto ao arco cruzeiro até às escadas da Capela-mor, bem como a entrada da porta, desde o altar de Santa Ana até às escadas do baptismo e desde as colunas até à parede, lado sul, e a entrada da porta

principal e toda a sacristia. Soalharam as três naves da igreja, na parte não ladrilhada.

13 - Todas as paredes foram picadas, levaram nova argamassa e foram caiadas.

Concluído o frontispício, gravaram na padra, por baixo da cruz, a data de 1872.

Toda a obra principal ficou pronta em Junho de 1874 e, então, na parte lateral gravaram em latim: "Reformada quase desde os alicerces mil oitocentos e setenta e quatro". ⁽⁶³⁾

Outras obras prosseguiram, depois, como, por exemplo, cimentar o pavimento do lado sul, desde o altar do senhor dos Passos até ao das Cinco Chagas e a nave do lado direito, colocação do altares, pintura, colocação da Tribuna, paga pelo Prior e alguns dos seus amigos, colocação de um sanefão no arco cruzeiro e de um guarda-vento, etc.

A igreja ficou concluída em 1890, data que foi gravada no frontispício.

XV-1 - NOVA TORRE

A construção da nova torre foi deliberada na reunião da Junta de Paróquia de Fão de 15-5-1890.

Para realizar a obra da torre, recorreram a derramas, a um empréstimo, e a subsídios do Governo e ao Real da Areia.

A arrematação da obra teve lugar a 15-5-1892, sendo arrematante António Gonçalves Vila Fria, de Vila de Punhe, Viana do Castelo, por 1-269.000 réis. A Câmara Municipal de Esposende aprovou o contrato em Maio de 1892. ⁽⁶⁴⁾

Foi desmontada a torre antiga em Março de 1893, iniciando-se logo a construção da torre actual, com novos alicerces. A obra foi concluída em Agosto de 1894. ⁽⁶⁵⁾

XV-2 - CONFLITOS

Durante as obras de restauro da igreja matriz houve vários protestos, desencontros entre o pároco e membros da Junta e entre estes, o que levou o Governo Civil a demitir a Junta e a nomear uma Comissão Administrativa. O Prior chegou a ausentar-se de Fão, alguns dias, aborrecido com os desacatos. O Padre José Araújo Saragoça anulou uma doação de 22.500 réis que fizera para a Tribuna, por causa desses acontecimentos. ⁽⁶⁶⁾

Mas, por fim, tudo se harmonizou e a obra chegou ao fim.

NOTAS - No número anterior houve uma "gralha", no que se refere à Confraria do Santíssimo, cuja contribuição anual foi de 20.000 réis e não 230.000 réis, como foi publicado.

(62) Actas Junta P. Fão de 8-6-1868; 21-11-1869; 15-10-1870; 25-3-1871; 26-4-1871; 5-7-1871; 21-7-1871; 10-10-1871; 17-12-1871; 24-12-1871; 28-4-1872; 16-3-1873; 21-10-1873; 15-4-1878; 24-10-1880; 18-11-1880; 25-4-1880. (63) Acta Junta 12-6-1874. (64) Acta J. P. Fão 5-6-1892. (65) Acta J. P. Fão de 29-8-1894. (66) Acta J.P.Fão 18-5-1862 e "O Novo Fangeiro" n.º 46, pág. 6.

PIZZERIA - CREPERIA - GELATARIA

One Way

TAKE AWAY - ENTREGA GRATUITA AO DOMICÍLIO - ENTREGA EM 30 MINUTOS

Rua Vasco da Gama, Loja 11 R/C Esq. Trás 4740 ESPOSENDE - TELEF. (053) 981586

OS CORREIOS – História e evolução desde a antiguidade (II PARTE)

CORREIOS EM PORTUGAL – Correios-mores

José António da Mata de Sousa Coutinho (1735-1790)

Na sua gerência o correio já atingira grande desenvolvimento pois, em 1746 teve uma receita total de 160.000 cruzados.

O rei criou junto do Correio-mor um lugar de meirinho e outro de escrivão para, pelo seu tenente, passar ordem de prisão quando por faltas cometidas o merecessem os seus tenentes, assistentes de todas as terras, oficiais dos correios, mestres da posta, postilhões, peões, correios e todas as pessoas de sua jurisdição.

Tendo sido imposto ao correio o transporte do dinheiro das sisas remetido pelos recebedores ao Tesoureiro Geral, foi concedido ao Correio-mor 1% sobre essas remessas (Regimento Geral das sisas e alvará de 30-3-1753).

Os dinheiros remetidos pelos correios das cabeças de comarcas, proveniente das alfândegas e outros, para o Erário pagavam, igualmente, 1% de taxa.

José Manuel da Maternidade da Mata Coutinho, Conde de Penafiel, 11.º Correio-mor (1790-1797)

Este, foi o último de sucessão hereditária pois, em 1796, o Ministro D. Rodrigo de Moura Coutinho negociou com ele a passagem para a Coroa do ofício de Correio-mor do reino. A incorporação do Estado teve lugar a 18-1-1797.

O Correio-mor foi compensado largamente, não só com o título de Conde, conservou a honra de criado de Sua Majestade, mas também, com uma renda anual de 40.000 cruzados a ser vinculada em morgadio e ainda, pensões de 400.000 réis a sua mãe, irmão e irmãs e avanço de dois postos no exército.

A renda veio a ser fixada em Senhorio do Reguengo Terras de Penafiel, com o título de conde de Penafiel e Comenda de Santa Maria de Moreiras e Santa Maria da Adufe da Ordem de Cristo e 16 mil cruzados, a pagar pelas rendas dos correios em morgado perpétuo (Decreto de 16-12-1798).

Em 1857 o Governo remiu este encargo pagando de uma só vez cem contos aos herdeiros do último Correio-mor.

III – Os Correios Assistentes

Durante os anos de 1580-1583, em que Filipe I de Portugal governou os seus reinos a partir de Lisboa e no período posterior, em que havia trocas constantes entre a Corte, em Madrid e os Governadores do Reino, em Portugal, houve grande aumento de correspondência e vieram a criar-se carreiras regulares de correios e expandiu-se a rede de Correios Assistentes do Correio-mor nas principais terras de Portugal. Eram os delegados do Correio-mor, encarregados de promover e fiscalizar a marcha dos mensageiros, o bom encaminhamento das correspondências e prover a sua recolha e distribuição na área da sua administração. E de cobrar os respectivos portes. Foi um cargo bastante cobiçado, até servido por médicos, advogados, oficiais do exército, grandes proprietários. Houve localidades, onde o cargo estava na posse de famílias nobres, era transmitido de pais para filhos, como parte de um morgado.

Os correios assistentes arrecadavam os portes e prémios de seguro (registos), pagavam as despesas locais, davam ao correio-mor uma renda anual. Alguns davam, também, um presente, a Pitança. Esta era, afinal um gesto de cortesia enviada ao Correio-mor. Com o tempo transformou-se num foro em géneros, que teve continuidade, mesmo depois do Estado adquirir o serviço.

Há uma lista de pitanças organizada em 1799 incluindo 43 localidades. Nela aparecem presentes de melancias, marmelos, castanhas piladas, figos, uma romã, queijo, presuntos (bastantes), linho, mexilhões,

atum em escabeche, perdizes, salpicão, paios, salsichões, entre outros géneros.

O Correio assistente de Esposende pagava 20 varas de pano de linho.

Em 1605 parece só existiam, além de Lisboa (Correio-mor), os assistentes em Aveiro, Braga, Coimbra e Porto. O alvará de 19-7-1606 submeteu-os ao Correio-mor. Em 1605 faziam-se diligências para criar o lugar em Elvas.

Em Viana do Castelo, Esposende e Vila do Conde deve ter sido criado entre 1625 e 1641. (Voltaremos a este caso). Santarém deve ter sido antes de 1634. Em 1834 o Visconde da Serra do Pilar, tenente general José António da Silva Ponce de Leão, que fora demitido do cargo de assistente de Santarém, por D. Miguel, pede a restituição do cargo que já estava na posse da família havia mais de 200 anos.

Do testamento do Correio-mor António Gomes da Mata sabe-se, em 1641 havia correios assistentes em Aveiro, Braga, Coimbra, Guimarães, Ponte de Lima, Tomar, Viana do Castelo, Vila do Conde e Porto, pelo menos.

Poucos anos depois da criação de Correio-mor já Coimbra tinha um Correio-assistente. O primeiro foi Diogo Coutinho, nomeado por escolha do Correio-mor Manuel de Gouveia, depois de 1579. Exerceu estas funções até 1598.

No acordo feito entre o Correio-mor Luís Gomes da Mata e o terceiro Assistente do Correio-mor de Coimbra, Matias Henriques, nomeado pelo rei a 1-6-1602, pertencia ao Correio-mor os portes das cartas de Lisboa para Coimbra; ao Assistente o das cartas de Coimbra para Lisboa. A Universidade pagava 8.000 réis anuais, para que as suas cartas fossem e viessem francas de porte e o Reitor quatro mil réis, para que as correspondências do pessoal fossem livres de porte. Esses 12 mil réis passaram a ser divididos a meias.

Tiveram correio-assistente: Viseu, criado entre 1641 e 1650; Algarve, foi nomeado a 20-12-1642 o capitão Julião da Costa Oliveira, com obrigação de residir em Faro, ou Lagos, ou Tavira; em Aviz, a 24-2-1645 foi nomeado Manuel Rodrigues da Vide; Rio de Janeiro é nomeado a 1-2-1663, o alferes João Cavaleiro Cardoso; no Faial, a 11-5-1663 é nomeado capitão Sebastião Teixeira; em Baía, é nomeado a 6-6-1663 Bartolomeu Frago Cabral; Faro por nomeação de 12-11-1702, José Freire de Andrade, capitão de ordenanças e Cavaleiro da Ordem de Cristo.

Da relação feita pelo Padre Pedro Nolasco Reis consta que em 1786 havia 198 terras com correio próprio, sendo 20% do Arcebispado de Braga, incluindo Esposende.

Em 1811 havia 125 terras de Portugal com correio uma, duas ou três vezes por semana.

Do mapa de correios Assistentes de 1818 constam na Província de Entre Douro e Minho correios assistentes em: Amarante, Barcelos, Braga, Cabeceiras de Basto, Celorico de Basto, Esposende, Lixa, Guimarães, Mondim de Basto, Ponte da Barca, Ponte de Lima, Ruivães, Santo Tirso, Viana do Castelo, Vila do Conde e Vila Nova de Famalicão.

Por interessar a Esposende, particularmente, vamos referir com mais pormenores os casos de Viana do Castelo.

III/A – O Correio-mor de Viana

VIANA DO CASTELO

Segundo Armindo Duarte em “O Correio em Viana do Castelo”, o cargo de assistente de correio-mor deve ter sido criado entre 1608 e 1624.

O testamento do Correio-mor do Reino António Gomes da Mata Coronel (1607-1641), feito em 1641, contempla com dádivas os assistentes de Aveiro, Braga, Coimbra, Guimarães, Ponte de Lima e Tomar e dele consta: “Item, declaro que o serviço de Gaspar de Noronha que me fez a mim e ao Senhor Luís

Gomes da Mata meu pai, que Deus tem e além disso lhe dei carta de assistência do ofício da Vila de Viana...”

Portanto, o primeiro assistente do correio-mor de Viana foi Gaspar de Noronha, que a si próprio atribui a designação de correio-mor de Viana. E foi segundo Correio-mor Bartolomeu de Araújo e terceiro Gaspar Calado Freire, 4.º-Domingos Monteiro Castelo Branco, 5.º-Manuel de Sousa Coutinho e o 6.º-Manuel António Álvares (1782-1804). Todos se intitularam Correio-mor de Viana.

Em 1813 o serviço tinha atingido razoável expansão pois, o pessoal em Viana do Castelo era constituído pelo Correio assistente, um Fiel, 5 estafetas e tinha um fiel em cada uma das seguintes terras: Caminha, em 1810; Vila Nova de Cerveira, em 1807; Valença, em 1793; Paredes de Coura, em 1796; Monção, em 1800; Valadares, 1786 e Melgaço em 1786.

Os estafetas transportavam o correio; o fiel era o encarregado da guarda dos valores. Certamente os das terras eram representantes ou delegados do Correio-mor de Viana.

A partir de 1804 deixaram de ser considerados Correios-mores e passaram a designar-se: “assistentes dos Correios de Viana do Castelo”. Nesta função existiram três: o primeiro, Manuel António Álvares, de 1804-1833 e o último João Pereira da Rocha Páris, de 1847-1852. Por modificação na organização dos Correios em 1852, passou a ser Administração do Correio de Viana do Castelo (1853-1869).

A partir de 1870, o cargo passa a ser Director dos Correios de Viana do Castelo, sendo o primeiro Delfim Amâncio Martins com a categoria de 1.º Oficial. A dotação do serviço incluía o chefe, um 2.º Oficial e um Amanuense. Passou a existir, em separado, a Estação, com chefia de 1.º Aspirante, com outros três de igual categoria. Na dependência do director, havia o Posto semafórico, com chefe com dotação e o Farol com faroleiro-chefe. Dispunha, ainda, de cinco guarda-fios e quatro carteiros. Em 1881 foi criada a Direcção Telégrafo-Postal do Distrito de Viana do Castelo que passou a ser chefiada por Delfim A. Martins, de 1881 a 1882. Passou, depois, a ser chefe de serviços Telégrafo-Postais do Distrito de Viana do Castelo, entre 1892 a 1894, devido à organização de 1-2-1892.

Houve treze Chefes de Serviços Telégrafos Postais, sendo o último Raúl Tomás da Costa (1930-1938, por efeito de nova organização dos CTT, em Dezembro de 1938 que extinguiu as Direcções Distritais e criaram-se as Circunscricções dos Correios, Telégrafos e Telefones, das quais, da Província do Minho, com sede em Braga, Tomás da Costa passou para Braga como Sub-chefe dos Serviços.

Quando da organização de 1852 que reformulou os Serviços, foram extintos os Assistentes, substituídos por funcionários e o território do reino foi dividido em dez Administrações Postais, a cada uma das quais foram subordinadas as Estações do Correio da sua área e passaram a denominar-se Direcções. Viana passou a ser Administração da qual ficaram a depender as direcções: Barcelos(103); Caminha(104); ESPOSENDE(105); Melgaço(106); Monção(107); Ponte da Barca(108); Ponte de Lima(109); Valença(110); Vila Nova de Cerveira(111). Dependiam desta Administração as delegações de Castro Laboreiro, Valadares, Arcos de Valdevez. De referir que Barcelos e Esposende regressaram à dependência de Viana do Castelo, em 1998.

A reforma de 1869 acabou com a Administração de Viana do Castelo e as suas Estações passaram a depender da Administração do Porto (Correios, Telégrafos e Faróis).

Carlos Mariz e Artur Costa

(Continua)

PÁGINA JOVEM

Olá jovens! Então essa Páscoa, correu bem? Muitas amêndoas e alegria, bons resultados escolares? Oxalá que sim! São esses os nossos votos.



No tempo da Legião Estrangeira, três novos voluntários apresentaram-se, para serem incorporados, cada um de seu país.

Para testar a sua coragem, já que os legionários (da Legião Estrangeira) tinham de ser homens de excepcional resistência à dor e às dificuldades, o chefe pegou numa baioneta e apoiou-a sobre uma bota do futuro soldado, carregando. O soldado gritou de dor, porque a baioneta feriu-lhe o dedo grande do pé.

Ao segundo, aconteceu o mesmo.

O terceiro suportou a baioneta a enterrar-se-lhe na bota sem sequer pestanejar.

— Ora aqui está um homem corajoso! — gabou o chefe.

— Nada disso, meu comandante — respondeu modestamente o rapaz. — O que acontece é que sou português. Pedi umas botas 39 e deram-me umas 43...

Um menino vai pela 1.ª vez para um novo Colégio, porque o pai mudou de emprego e de cidade.

O menino é apresentado ao director (que era calvo) e que lhe deu as boas-vindas. Foi para a sua sala, onde o professor também não tinha cabelo. O professor pô-lo a trabalhar com os colegas, e no fim da aula escreveu no quadro o trabalho que os alunos teriam de fazer para o dia seguinte, tendo antes escrito: T.P.C. (trabalho para casa).

Como o novo aluno não soubesse o que as iniciais queriam dizer, o professor insistiu:

— Não és capaz de imaginar o que seja T.P.C.?

O menino pensa e responde sorridente:

— Já sei: Todos Professores Carecas...

Sem Título

*Sim, vem um canto na noite.
Não lhe conheço a intenção,
Não sei que palavras são.*

*É um canto desligado
De tudo o que o canto tem.
É algum canto de alguém.*

*Vem na noite independente
Do que diz bem ou mal.
Vem absurdo e natural.*

*Já não me lembro que penso.
Ouço; é um canto a pairar
Como o vento sobre o mar.*

Fernando Pessoa (in "Novas Poesias Inéditas"
— Obras Completas de Fernando Pessoa. Ed. Ática)

Confusão

Era uma vez um aventureiro chamado Pedro David Schabum. Ele queria ir a Marte.

Também tinha uma assistente chamada Cristina Teresa Trrim, que planeava ir com ele.

E lá partiram os dois para Marte numa nave moderníssima a cem anos-luz/hora.

Mas atenção! Há meteoritos! E cometas! E estrelas! E buracos negros!

Mesmo depois de terem ultrapassado estes "pequenos erros" do espaço, lá aterraram em Marte.

Mas... Que desilusão! Esqueceram-se dos seus mini-aquecedores na nave!

Quando voltaram de os ir buscar encontraram um meteorologista, dizendo que o dia estava bem quente, e os nossos heróis a tremer de frio!

Logo de seguida, encontraram um tigre mentiroso, um dinossauro a ler um livro (se perguntarem por mim digam que voei em 10 lições), e um esqueleto a dormir numa rede.

E depois disto tudo, lá foram os nossos heróis para casa, cansados mas felizes!

JOANA SÍLVIA

(10 anos)

RUMO

RUMO À ILUSÃO

O SONHO PERSEGUE

A ÂNSIA DILUIU-SE

RUMO AO HORIZONTE

A SOLIDÃO INVADE MARES

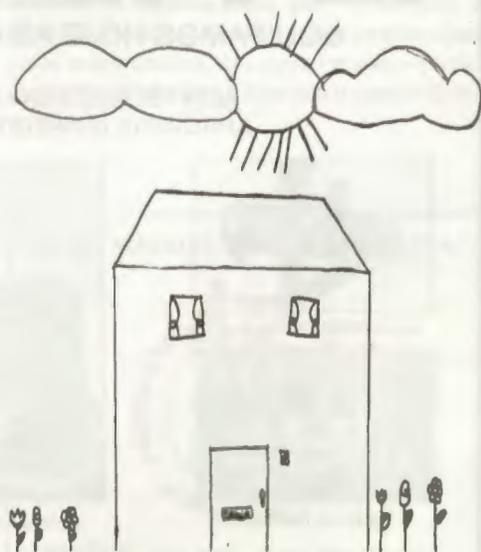
E APROFUNDA O ETERNO!

FILIPA MAGALHÃES

(18 ANOS)

Esta página tem o patrocínio de:

FOR BODY
SPORTSWEAR



Desenho de CARLA SOFIA (9 anos)

COMUNICADO

Do senhor Vereador da Câmara Municipal de Esposende recebemos o comunicado que a seguir se transcreve:

O Vereador do PP, Franklin Torres vem, publicamente, repudiar a vergonhosa, servilista e subserviente aprovação de uma moção de censura por parte da Assembleia Municipal de Esposende, contra o vereador do PS, Dr. Tito Evangelista, manifestando ao visado toda a sua solidariedade e exortando-o a não se deixar intimidar pelos sequazes de Alberto Figueiredo.

1 - No passado dia 6 foi publicada uma moção de censura aprovada pela Assembleia Municipal de Esposende, proposta pelos membros do PSD, contra o vereador do PS, Dr. Tito Evangelista, que me deixou escandalizado.

2 - Conheço relativamente bem os pormenores que estiveram na génese de uma tal atitude que reputo de **iníqua, imoral e politicamente covarde**.

3 - Iníqua, porque se trata de uma tentativa de calar a voz a um autarca, e através dele, a toda a oposição, que tem tido a coragem de dizer o que vai mal no "reino de Alberto Figueiredo".

4 - Sim, porque muita coisa vai mal na Câmara Municipal de Esposende sob a gestão do seu presidente Alberto Figueiredo mas ninguém vê ou faz de conta que não vê, comportando-se como os ...bacocos analfabetos da fábula do "Rei Nu".

5 - Ou vêem e se calam por temerem a ira do "rei"? É que, até alguns órgãos da comunicação social são autênticos joguetes nas suas mãos!

6 - Quem vive de perto o ambiente da Câmara Municipal de Esposende sabe que esta é gerida autocraticamente pelo seu presidente que, inclusivamente, despreza despidoradamente todos os que, não sendo seus sequazes, "ousam" discordar da sua gestão, mesmo que apoiados na lei.

7 - Mas, o que mais custa a engolir é a hipocrisia revelada no texto da vergonhosa moção de censura.

8 - Af se diz, e nisso concordamos

plenamente, que a actuação dos eleitos locais deve centrar-se em programas e opções ideológicas para a prossecução dos interesses públicos dos Municípios de Esposende (sic).

Pois bem,

9 - Não sabe a Assembleia Municipal como são esbanjados os dinheiros dos municípios?

10 - Não vê a Assembleia Municipal de Esposende que a organização estrutural desta Câmara Municipal se assemelha à de um grande concelho quando, afinal, Esposende não passa do mais pobre concelho desde Viana até Aveiro?

11 - Não sabe a Assembleia Municipal de Esposende quanto se gasta em remunerações de funcionários (afilhados?) que, frequentemente, são "contratados" pelo "rei"?

12 - Não sabe a Assembleia Municipal de Esposende quanto se esbanja em deslocações (passeatas?) a Cabo Verde e a França?

13 - Não conhece a Assembleia Municipal de Esposende o escandaloso caso da obra do Largo dos Peixinhos, há dois anos inacabada, que representa um investimento vultuoso e completamente inútil, ridicularizada já pelo povo com o epíteto de "bunker"?

14 - **E se a Assembleia Municipal de Esposende sabe de tudo isto que é que tem feito, na defesa dos interesses dos municípios, para minimizar este despesismo da gestão de Alberto Figueiredo?**

NADA!

15 - Com que autoridade moral se atrevem, então, os membros do PSD da Assembleia Municipal de Esposende a fazer aprovar uma moção de censura a um dos poucos esposendenses que tem tido a coragem de apontar o dedo ao autor deste esbanjamento?

16 - É preciso ter descaramento para falar na defesa dos interesses dos municípios nada fazendo por isso e, ainda por cima, aprovar um aumento da taxa da contribuição autárquica, contra uma proposta do vereador do PP.

17 - Será que os interesses dos municípios se defendem sacando-lhes mais dinheiro para gastar

nas vaidadezinhas balofas de um presidente que se acha um reizinho com seu séquito?

18 - Para além do mais, o gesto da Assembleia Municipal de Esposende encobre a falta de hombridade de alguém que, em vez de utilizar os meios judiciais ao seu alcance (se realmente se sentisse ofendido), prefere encarregar os seus "arqueiros" para utilizarem as insuficiências de um sistema judicial (em que afinal parece não confiar!) como arma de arremesso contra os seus adversários políticos.

19 - Por isso afirmamos que esta moção de censura é politicamente covarde.

20 - Este comportamento da Assembleia Municipal de Esposende só veio confirmar aquilo que para mim já era certo - a existência de um défice democrático a que urge pôr fim sob pena de os esposendenses verem a sua "alma vendida ao diabo".

21 - É que, em vez de termos em Esposende uma democracia (do grego "demokratia"), que quer dizer poder do povo, o que temos é uma "democracia", isto é, o poder do demo, que temos de exorcizar.

22 - Mas fiquem sabendo os membros do PSD da Assembleia Municipal de Esposende que, para além de estar solidário com o Dr. Tito Evangelista, também estou atento e pronto a denunciar publicamente toda e qualquer irregularidade que prejudique os interesses dos nossos municípios quer V.as Ex.as gostem quer não e, também saberei analisar o vosso imobilismo político ou cumplicidade com os eventuais desvarios de quem governa a nossa Câmara.

Assim Deus me ajude!



COMUNICADO

O Secretariado da Secção de Esposende do Partido Socialista, reunido hoje extraordinariamente, deliberou por unanimidade:

a) Manifiestar a sua repulsa pela vergonhosa moção de censura apresentada pela maioria do P.S.D. na Assembleia Municipal de Esposende, contra o vereador socialista Dr. Tito Evangelista;

b) Denunciar a indigna perseguição pessoal, profissional e política, movida pela maioria P.S.D., de que o nosso vereador tem sido continuamente vítima;

c) Demonstrar, mais uma vez, a total e inequívoca solidariedade pessoal e política para com o nosso vereador;

d) Agradecer às restantes forças políticas, com assento na Assembleia Municipal, que de uma forma espontânea, e firme, repudiaram a vil atitude persecutória da maioria P.S.D.;

e) Lamentar ainda, que tal atitude venha a ser publicitada, "na sua íntegra nos principais órgãos de comunicação social de âmbito local e nacional", à custa dos impostos dos contribuintes deste concelho, por decisão arbitrária do P.S.D.

Esposende, 25 de Fevereiro de 1999.

O Presidente da Comissão Política
Eduardo Moreira de Melo



REIMELI

EQUIPAMOS HOJE AS GARAGENS DE AMANHÃ

ALTA TECNOLOGIA • ASSISTÊNCIA TÉCNICA
APROVEITE O CRÉDITO REIMELI/LEASINVEST



ELEVADORES 2 COLUNAS



LAVAGEM AUTOMÁTICA



ELEVADORES 4 COLUNAS



TESTE DE TRAVÕES



LAVAGEM ALTA PRESSÃO

Visite as nossas Exposições:

REIMELI

PORTO - RUA 6 DE OUTUBRO, 212 - TEL. 60 91 018 - 60 63 748 - FAX 66 73 85
LISBOA - RUA ANDRÉ GOUVEIA, LOTE 1693 - TEL. 759 72 04 - FAX 7597206

ESPOSENDE

Por ARTUR L. COSTA

Bombeiros em festa pelo 108 anos Posse do 2.º comandante

A bênção de quatro viaturas de apoio ao combate a incêndios, o protocolo com a Câmara sobre as instalações do serviço de Protecção Civil e a posse do 2.º comandante da Corporação foram os actos mais significativos nas celebrações do 108.º aniversário dos Bombeiros de Esposende.

Como é hábito, com a formatura geral, o hastear e a continência às bandeiras, entrega de condecorações e a bênção de quatro viaturas de apoio ao combate aos incêndios, a Missa de sufrágio por Bombeiros, dirigentes e benfeitores falecidos, iniciaram-se os actos comemorativos da fundação desta Corporação, com tradições e prestígio a nível nacional.

A romagem ao cemitério, cerimónia de muito sentimento e respeito pelos Bombeiros, Dirigentes e Benfeitores tem o seu ponto alto na deposição da coroa de flores no cruzeiro e a recitação dos responsos, seguida da cerimónia de continência.

A sessão de cumprimentos na Câmara Municipal, presidida por Fernando João Cepa, de agradecimento pelo apoio do Município e pelos serviços prestados iniciou-se com o discurso pronunciado pelo advogado Francisco Brás Marques que saudou a Câmara Municipal e, face às actividades e serviços dos Bombeiros de que damos notícia, porque na última Assembleia Geral houve manifesto descontentamento dos associados pelo desactualizado contributo da Câmara Municipal de Esposende solicitou o aumento de verba fixada. Em resposta, o autarca anunciou que no Plano de Actividades do Município, consta uma verba de oito mil contos para aquisição de viatura de desencarceramento, pela reconhecida utilidade nos socorros aos acidentes rodoviários.

À tarde realizou-se a cerimónia de posse do 2.º Comandante, Manuel Arlindo Silva Pinto, figura de prestígio na Corporação, cuja capacidade foi elogiada pelo presidente da Direcção e pelo 1.º Comandante, o mesmo sucedeu com o Adjunto João Pires Chelo.

À noite realizou-se o jantar de confraternização que reuniu algumas centenas de convivas e de autoridades civis, militares e religiosas, entidades ligadas à organização, além dos representantes de Corporações de Bombeiros, entre elas: Fão, Barcelos e Barcelinhos.

A Banda de Música e o Grupo Coral de Esposende participaram nas cerimónias.

Dia Mundial da Floresta

- Parque de compostagem de resíduos

No âmbito de vasto projecto de educação ambiental, a Câmara Municipal de Esposende, no decorrer do Dia Mundial da Floresta esteve em Palmeira de Faro, a fim de assinalar a data entre alunos das Escolas. Por isso, aproveitou a cerimónia para fazer entrega de compostor para efeitos de recolha de resíduos sólidos.

O Executivo, neste âmbito, pretende alargar esta acção e, "val iniciar a colocação de compostores em vários estabelecimentos de ensino". O Parque de Esposende, já em funcionamento, pretende incentivar "a recolha selectiva de resíduos verdes".

Actividade dos Bombeiros em 1998

Foram divulgados os resultados das actividades da Corporação dos Bombeiros Voluntários no decorrer do ano de 1998.

Os acidentes rodoviários absorveram muitas das horas de trabalho dos Bombeiros, e problema

que diariamente mais preocupações acarreta ao pessoal e material. Todavia, reafirma-se, o IC-1 assumiu o maior número de acidentes e facilitou, em contra-partida, o tráfego na EN-13.

São consideráveis, também, o número de acções. Os Bombeiros atacaram 162 incêndios, assim distribuídos: rurais, 124; urbanos, industriais, de transportes e outros serviços, os restantes.

Os socorros por acidentes rodoviários obtiveram o maior número de acções pelos Bombeiros, com 21 serviços de média diária. Na área da saúde, o número de serviços é espectacular, de que resulta em 843 de média diária.

Fão "navega" na Internet - As origens

A partir de 20 de Março findo, "Fão, São Paio" navega pela Internet por efeito da "Página" coligida e orientada por Carlos Costa Palma Rio, um dos muitos jovens que se dedicam à informática e aos seus prodígios.

O dr. Alberto Bermudes, outro assíduo "navegador" da Internet, alertou-nos para a "Página de Fão" e dos seus efeitos. Lá aparece, com destaque, o texto de Artur L. Costa do "Fão - Terra Milenária" as suas origens e o seu desenvolvimento ao longo dos tempos. Não escapa ao leitor atento, as maravilhas do velho burgo fangueiro, a "Villa Fanun" com ares de acentuado urbanismo a partir do século XVI, além das fotografias antigas que testemunham a história, apontamento que figurou na recente peça de teatro de revista.

As mensagens gravadas na "Página Internet" sobre Fão são bastantes animadoras, é o resultado de intenso trabalho de pesquisa e de selecção do jovem Carlos Palma Rio e que alertou os "navegadores" de várias latitudes que apreciaram a intenção pedagógica e, também, da sua projecção por esse Mundo fora e pelo espaço sideral ou da cibernética, onde não é fácil penetrar.

O dr. Bermudes levou mais além o seu entusiasmo quando apontou esta curiosidade: "Esposende Calçados", e "A pequena loja da Rua Sete de Setembro prestava, uma homenagem do imigrante à sua cidade localizada no norte de Portugal". Era a festa dos 25 anos de actividade dos calçados e das 24 lojas espalhadas pelo imenso estado de S. Paulo, Brasil. O patricio, Joaquim de Vasconcelos, tem a sua história e conta, resumidamente, a saga do Brasil e da vitória alcançada. É uma fase linda na vida do patricio, digna de ser ouvida.

O jovem "navegador" fãozense tem outros projectos sobre a Internet: já reservou espaço para a história dos Bombeiros locais e o que foram as festas do Senhor Bom Jesus, no antigamente... deixa pistas para outras visitas à "terra Milenária".

Audição da Escola de Música, fim de período

Os alunos da escola de Música de Esposende deram o concerto de final do 2.º período e a mostra da vitalidade dos futuros músicos deste concelho.

Executar música clássica com os instrumentos compatíveis é complicado e nem toda a gente tem unhas para chegar aos "Top's". Bach, Mozart, Suzuki, Schuman, Carcassi, Bradley, para citar os autores mais conhecidos, fizeram estalar os dedos dos jovens executantes ou tropeçar nos compassos esquisitos de partituras de fazer partir a cabeça. Os trechos executados em violino, piano, violoncelo e guitarra, com acompanhamento ao piano por Diogo Zão mereceram os aplausos dos numerosos assistentes.

O concerto teve a organização da Câmara Municipal de Esposende e da Escola de Música.

ADMINISTRADOR PAROQUIAL DE ESPOSENDE

A Paróquia de Santa Maria dos Anjos, na sede do Concelho de Esposende continua sem Pároco, pese embora o esforço da Diocese de Braga. A nomeação de Administrador Paroquial vai remediar a lacuna, de novo aberta nesta comunidade cristã. É que o Pároco nomeado, Padre Delfim Coelho, por absoluta falta de saúde, teve de renunciar.

O impasse provocado pelo vazio levou o Arcebispo de Braga a solução de emergência: nomeou Administrador Paroquial de Esposende o padre Cândido Sá, Pároco de Gandra e Arcipreste, com o apoio de Diácono para o dia-a-dia da paróquia. A substituição temporária por outro Pároco do Arciprestado tornou-se inviável e difícil. Por isso, a situação vai manter-se por alguns meses e até à ordenação de futuros sacerdotes.

A notícia da solução encontrada, para este caso, foi dada por D. Jorge Ortega, Bispo Auxiliar que presidiu às cerimónias de Sexta-Feira Santa e à Missa de Aleluia, na Matriz de Esposende.

Sobre a situação da Paróquia, que se arrasta há bastantes meses, tem ocasionado comentários contraditórios por entre a comunidade cristã, sempre desagradáveis.

Artur L. Costa

EDITORIAL

(Continuado da pág. 1)

simplesmente viver nestas últimas - referimo-nos a terras pequenas como é o caso de Fão - os autarcas têm que se antecipar, intervir, procurar dar uma ajuda ainda que esta não seja pedida, uma vez que esteja em causa o futuro da terra e o bem-estar das suas gentes.

E agora que demos uma resposta, a nossa resposta às interrogações que formulámos a princípio, deixamos ainda uma outra pergunta que, como se depreenderá, tem algo a ver com o que foi inquirido inicialmente: Como está o caso do Hotel do Pinhal?

DAR SANGUE É DAR VIDA



**SANGUE: dar hoje, para ter amanhã
SANGUE: o dever de dar,
antes do direito de o receber**



• FUTEBOL

CAMPEONATO REGIONAL DA 1.ª DIVISÃO DA ASSOCIAÇÃO DE FUTEBOL DE BRAGA

Últimos resultados: Tibães, 2-Fão, 4; Fão, 5-Ceramistas, 0; Ucha, 3-Fão, 2.

No último jogo desta competição a realizar no Campo Artur Sobral, curiosamente no domingo do Senhor de Fão, o clube fangueiro terá que vencer o Desportivo de Prado para manter a sua posição de líder, conquistada há quatro jornadas atrás e simultaneamente tornar-se campeão da série A e conseguir a tão desejada subida à Divisão de Honra da Associação de Futebol de Braga (estamos a escrever estas notas ainda no dia 7). Caso não vença esta partida, o Clube de Futebol de Fão terminaria a prova na liderança se os mais directos adversários, Ucha e Necessidades não obtiverem vitórias. Se algo não correr de feição aos jogadores fangueiros, o que não acreditamos, dado o seu valor (mas no futebol não há certezas) e acontecer a possibilidade não desejada de ficarem na segunda posição, terão que disputar uma poule final com os segundos classificados das três restantes séries. Aí poderão resolver tudo a seu favor. Mas estamos convictos, de que quando este número de "O Novo Fangueiro" chegar às mãos dos seus assinantes, já os fangueiros terão extravasado a sua satisfação pela subida de Divisão do seu clube de futebol.

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	F-C	P
FÃO	21	13	3	5	46-22	42
Sp. Ucha	21	12	5	4	36-26	41
Necessidades	21	12	3	6	51-26	39
Tibães	21	10	4	7	43-31	34
Prado	21	9	7	5	32-20	34
Cabreiros	21	9	6	6	46-38	33
Panolense	21	8	7	6	34-29	30
Dumiense	21	7	7	7	28-23	28
Forjães	21	7	3	11	32-49	24
Estrelas VF	21	6	4	11	25-34	22
Lage	21	5	6	10	34-43	21
Ceramistas	21	0	1	20	10-77	1

CAMPEONATO REGIONAL DE JUVENIS

Últimos resultados: Fão, 3-Creixomil, 1; Apúlia, 4-Fão, 2; Fão, 2-Esposende, 1.

ENCONTRO DAS VELHAS GUARDAS JOCISTAS

No dia 16 de Maio vai realizar-se o XXIV Encontro das V. G. J. na Vila das Aves. Espera-se que, à semelhança dos anos anteriores, os antigos jocistas de Fão compareçam na sua máxima força, sempre fiéis ao lema de Monsenhor Cardijn: *COR-UNO-ET-ANIMA UNA*.

Contactar para o efeito com Belmiro Viana (telef. 981133).

AZAR FANGUEIRO NO RALLY TAP

Conforme noticiamos, as duas equipas de Fão e concorrentes ao Rally TAP, constituídas por Fernando Mendanha e Rui Losa; Celestino Martins (Tino) e o Eduardo Viana, tiveram o azar a bater-lhes à porta.

Quanto a F. Mendanha, a tripular o Peugeot/306 não concluiu a prova pois, ao 2.º dia, na passagem por Lameirinha, Fafe, partiu-se a transmissão do carro, teve de desistir. Aliás, o local da avaria foi trágico para muitos dos concorrentes.

O Tino, nem começou a prova. O número máximo de participantes, já inscritos, provocou a eliminação do fangueiro e o seu Peugeot/106 rali regressou à garagem. Prometeu-nos o Tino que vai participar em provas futuras, para testar a sua máquina, sobretudo, em Oliveira de Azeméis.

Artur L. Costa

PROBLEMÁTICA DO PINHAL DE OFIR

No próximo número publicaremos a resposta do Sr. Professor Romualdo Salcedo à carta do sr. Professor Soares de Carvalho publicada no jornal "O Público" e que nós transcrevemos no nosso jornal.

PENSAMENTOS...

A caridade é sempre recompensada, visto o prazer de dar já por si, é uma grande recompensa.

A virtude é uma árvore cujas raízes se formam na terra, mas cujos frutos se colhem no céu.

Pardal que tem fome, vem abaixo e come.

FESTAS DO BOM JESUS DE FÃO

Nos dias 9-10-11 e 12 de Abril decorreram as Festas do Senhor de Fão. Foi uma festa concebida e realizada numa rapidinha pois foi difícil encontrar festeiros. Vencida a crise, tudo se compôs: houve arraial, procissão com visita aos enfermos, exibição de uma banda de música, só uma – a tradição já não é o que era – exibição da Fanfara dos Bombeiros Voluntários de Fão, fogo de artifício com sessão de "Fogo do Rio", actuação da orquestra Salsa Rosa, do grupo de música popular "Cantares do Cávado" e do conjunto Vice-Versa e... ainda Noite Fangueira – o passado e o presente da nossa cultura.



No próximo número daremos informação mais detalhada. Pena foi não ter havido as tradicionais "marchas".

Optica Oliveira

Aleixo Ferreira, L.^{da}

Gabinete de Optometria e Contactologia

Rua da Misericórdia, 4-6

Tel. (053) 275777 • Fax: (053) 271161 – 4700 BRAGA

PÁGINA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



AVALIAÇÃO DA FERTILIDADE DOS SOLOS

(CONTINUADO DO NÚMERO ANTERIOR)

3. Análise do solo

A análise do solo permite avaliar o nível de fertilidade do mesmo na zona de absorção radicular.

Para que os dados analíticos de uma terra sejam vãos, importa que a colheita da mesma seja o mais correcta possível. Só nestas condições as indicações de correcção da fertilização podem corresponder às necessidades da cultura.

Por serem específicas para as culturas protegidas apresentam-se, no anexo I, as normas de colheitas da amostra de terra antes e após a instalação das culturas.

3.2. Análise química

Em anexo, apresenta-se um boletim de análise para hortofloricultura protegida.

O agricultor, ao enviar a sua amostra de terra, deverá preencher o cabeçalho de modo a que a amostra fique bem identificada.

As análises a efectuar no laboratório podem classificar-se em duas categorias:

- as análises de base que ajudam a definir o nível de fertilidade do solo antes da instalação da cultura.

Destas análises constam textura, pH, matéria orgânica, necessidade de cal, elementos presentes no extracto aquoso (Nmin, P, K, Ca, Mg, Na) e condutividade eléctrica.

Através desta informação e, qualquer que seja a cultura, podem estabelecer-se:

a) as quantidades de adubo e ou correctivo a utilizar;

b) a escolha do tipo de adubo.

- as análises de controlo periódico que devem ser efectuadas durante o ciclo cultural e sempre antes da aplicação dos adubos.

Destas análises constam o pH, elementos presentes no extracto aquoso (Nmin, P, K, Ca, Mg, Na) e condutividade eléctrica.

Através destas análises de controlo periódico pode avaliar-se o nível de fertilidade do solo durante a cultura e, portanto, a possível existência de excessos ou deficiências nos elementos analisados.

3.3. Interpretação dos dados analíticos

Uma análise do solo, quaisquer que sejam os métodos analíticos utilizados, tenta avaliar o nível de fertilidade do mesmo. Os resultados da análise podem classificar-se segundo níveis de fertilidade de acordo com parâmetros de avaliação adequadamente estabelecidos. Estes, no entanto, sofrem variações segundo os diferentes tipos de solo.

Se, quando feita a apreciação, os dados analíticos se incluem na faixa considerada como normal, o nível de fertilidade do solo está adequado à cultura. Nestas circunstâncias dever-se-á efectuar uma adubação de manutenção normal com base na quantidade de nutrientes removidos pela cultura (exportação). Caso contrário, será necessário efectuarem-se as devidas correcções (aumento ou diminuição da adubação conforme os casos).

CÁLCULO DAS ADUBAÇÕES

Duas perguntas se põem:

- Qual a adubação a praticar?
- Que adubos utilizar?

A primeira coisa a fazer será mandar analisar a terra e então duas situações se põem:

- caso de uma cultura a instalar e então as recomendações serão para efectuar a ADUBAÇÃO DE FUNDO;

- caso de uma cultura já instalada ou em cursos em que as recomendações serão para corrigir a ADUBAÇÃO DE COBERTURA.

1. Adubação de fundo

Imagine-se que, para a instalação de uma cultura de craveiro, depois da análise da terra, era recomendada a seguinte fertilização em g/m²:

– necessidade do calcário	300
– unidades de azoto (N)	12
– unidades de fósforo P ₂ O ₅	24
– unidades de potássio (K ₂ O)	28

A primeira operação a realizar será a incorporação do calcário e, seguidamente, a distribuição da matéria orgânica e NUNCA em conjunto ou ao contrário para evitar que a matéria orgânica comece logo a ser destruída pelo calcário.

A segunda operação será a escolha dos adubos para fornecer ao solo as unidades fertilizantes de azoto, fósforo e potássio.

Existem três maneiras de escolher:

- através de adubos elementares;
- através de um adubo composto;
- através da mistura de um adubo composto e de adubos elementares.

Adubos elementares

Há que escolher adubos com azoto, fósforo e potássio como por exemplo:

Adubo	U.F. em 100 g de adubo	U.F. recomendadas	Qtd. de adubo a utilizar (g)
Nitrato de amónio	20,5	12	58
Superfosfato de cálcio	18,0	24	135
Sulfato de potássio	50,0	28	56

Com estes adubos resolve-se o problema.

Será que se consegue resolver o problema só com um adubo de modo a evitar a mistura de três adubos?

Adubos compostos

Como precisamos de azoto, fósforo e potássio há que escolher um adubo composto que tenha os três elementos.

Seja, por exemplo, o adubo 7-14-14.

	U.F. em 100 g de adubo	U.F. em 200 g de adubo	U.F. recomendadas	Diferença
Azoto (N)	7	14	12	+ 2
Fósforo (P ₂ O ₅)	14	28	24	+ 4
Potássio (K ₂ O)	14	28	28	–

Com 200 g de adubo resolve-se o problema. A diferença de algumas unidades não tem significado.

(Continua no próximo número)

TEMPOS DE INTEMPÉRIE RELIGIOSA

História do Celibato Católico

Por ARMANDO SARAIVA

Vamos prosseguir com averiguações (estudos) que têm por objectivo predominante verificar até que ponto o celibato católico se enquadrou no espírito da época como corolário ou sequência lógica da moral ou dos usos e costumes que então se praticavam.

Em números anteriores já abordámos práticas do quotidiano realizadas pelos romanos. Iremos hoje rememorar esta época, esclarecendo o recordando que o aborto e a contracepção eram práticas normais, não havendo datas ou prazos estabelecidos para definir o feto como ser humano e daí ser minimizante, do ponto de vista ético, o momento biológico em que a mãe se libertava de um filho não desejado ao longo do tempo da gestação, ou seja, durante os nove meses da praxe. Não era reconhecido ao feto o direito de viver.

A propósito, lembra-nos de ter lido, há já um bom par de anos, um texto sobre S. Tomaz de Aquino onde se lhe atribua a afirmação de que o feto ficava humanizado com a recepção da alma quinze dias após a copulação, no caso de ser masculino, e trinta dias depois se fosse do sexo feminino. Por uma questão de incerteza na fiabilidade da nossa memória, não juramos a fidedignidade destes prazos, mas que o aquinense, porventura o maior filósofo da Idade Média e um dos maiores pensadores da história da humanidade (Karl Jaspers dixit) apresentou números não haja dúvidas. Sem meios de diagnose como hoje existem, tais como a radiografia, o TAC, a ecografia, a ressonância magnética, a biopsia e outros, ainda gostaríamos de saber como foi que

este santo ou filósofo ou teólogo pôde aprender números tão precisos. Mesmo que ele dispusesse na altura (séc. XIV) da instrumentação solicitada que hoje existe, o avanço de uma quantificação tão precisamente definida não passaria de um dado pseudo-científico.

E já que falámos de santos e de algumas das suas afirmações, veio-nos também à memória aquele texto de Los grandes filósofos S. Paulo acerca do preceito rabínico que proibia as mulheres casadas de saírem à rua com a cabeça descoberta. E porquê? "Se o fizessem", esclarecia Saulo, "faltariam ao respeito para com os anjos, provocando neles o despertar de desejos impuros". Quem nos afirma estes devaneios do neo-cristão recém-convertido é o historiador Ambrósio Donini no seu livro "História do Cristianismo, página 106, historiador reconhecido mundialmente e sempre bem documentado. É possível que a atribuição de tal autoria seja meramente lendária como o é a presunção de ser ele o elaborador de 15 homilias quando a escola de Tubingen lhe credita "quando muito" apenas quatro.

Continuemos, porém, a falar de Roma. O concubinato era uma união digna que não rebaixava a mulher, uma vez que fosse monogâmico: cada homem com uma só mulher. Já era condenável se o homem tivesse esposa e concubina ao mesmo tempo ou se se relacionasse com duas mulheres na mesma época.

(Continua na pág. 11)

FALECIMENTOS

No passado mês de Março faleceu no Hospital de Fão o nosso conterrâneo Emílio Pedras da Silva, de 53 anos de idade. O Major, como amigavelmente era tratado, foi operado ao estômago, no Porto, há cerca de um ano. A operação correu bem, mas as análises, segundo constou na terra, limitavam as esperanças de uma longa vida. E foi o que aconteceu. Nos primeiros meses as coisas correram bem, mas há uns tempos atrás o Emílio começou a queixar-se, o estômago não recebia os alimentos e no espaço de poucos dias faleceu.

O seu enterro, muito concorrido, foi uma prova de simpatia de que o major disputava em Fão.

Aos seus familiares apresentamos sinceras condolências.

AGRADECIMENTO

A família de Emílio Pedras da Silva, recentemente falecido, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que de todos os modos lhe manifestaram provas de conforto, consideração e amizade a propósito da morte do querido extinto.

• Um tanto repentinamente faleceu em Fão Maria Pires Menina, com 69 anos de idade.

A Maria Menina fazia hemodiálise e isso deve-lhe ter antecipado a morte.

À família enlutada e de um modo particular a seu marido, o nosso prezado amigo António Lauro, apresentamos sentidas condolências.

• Também faleceu em Fão, em casa de um seu familiar, o jovem Manuel Alberto Vasco Gonçalves, natural de Fonteboa. Era filho do falecido Martinho.

À família os nossos pésames.

• Com 76 anos de idade faleceu na sua casa, à Rua das Pedreiras, o nosso conterrâneo Juventino Alves de Oliveira.

À família enlutada e de um modo especial aos seus filhos Rafael e Júlio Oliveira, apresentamos sentidos pésames.

AGRADECIMENTO

Os familiares de Juventino Alves Oliveira, recentemente falecido, vem por este meio agradecer às pessoas que se incorporaram no funeral do saudoso extinto ou que de qualquer outro modo lhe manifestaram o seu pesar.

• Em Angola onde se encontrava há já muitos anos faleceu o nosso conterrâneo Paulino Fernandes Brancoqu e foi casado com Maria Palmeira.

À família enlutada os nossos pésames.

NOVO TALHO
JACINTO

Carnes de Qualidade
"APÚLIA"

Talho 1 - ☎ (053) 981920

Talho 2 - ☎ (053) 981946

FAX (053) 981920

TEMPOS DE INTEMPÉRIE RELIGIOSA

(Continuado da pág. 10)

O prazer sexual não era aviltante para as pessoas. O que poderia ser censurável era o relacionamento com alguém de classe superior com pessoa que socialmente não era do mesmo nível.

Até aos fins da República e ainda no início do Império as mulheres dos homens públicos eram tratadas como seres marginais, isto é, sem peso social, em nada contribuindo para elevar o prestígio do marido. Então não se aplicava aquela máxima que ainda hoje se enuncia com plena convicção: "Por trás de um grande homem, está sempre uma grande mulher".

O rapaz romano, à medida que ia entrando pela mocidade dentro, começava a ser indulgiado pela assunção de novos hábitos que incluíam outras liberdades, nomeadamente certas visitas a Suburre, o pior lugar de Roma, uma espécie de Bairro Alto lá do sítio. Até ao momento de casar era tacitamente absolvido *ipso facto*. Fartar vilanagem!...

A iniciação sexual, fosse com uma serva, com uma rameira ou mesmo com uma dama da alta aristocracia era mais compreensiva: era até estimulada. A alta sociedade, desde os governantes aos filósofos, lembrando-se do que já tinham sido, entendiam que era necessário fazer concessões ao sangue quente da juventude. Isto, bem entendido, no que dizia respeito aos jovens (machos), uma vez que se louvava, ou antes permanecia sacrossanta a virgindade das raparigas. O tal machismo que se tem aguentado quase até aos nossos dias.

Este foi o programa ou foi a filosofia que vigorou na primeira moral romana, ou seja, nos primeiros tempos da civilização que tinha o seu papel em Roma. A partir do século II, surge uma nova ética que não favorecia tais liberdades e liberalidades. Tanto os rapazes como as raparigas deviam exercer as práticas sexuais para depois do casamento.

(Continua)

O RALHETE DA TIA LU

A nossa tia Lu passou-nos um destes dias de raspanete dos diabos: "Então você fala das antigas 'revistas' de Fão, menciona o nome dos actores e não cita o nome do seu sogro?"

De facto no número anterior, a propósito da morte do José Carvalho, nós aludimos às suas qualidades de actor e de cantor. Ele de facto entrara e destacara-se nas peças que o Ernestino Sacramento supervisionara. Aproveitámos a ocasião para evocar outras pessoas que também entraram nos referidos espectáculos. Recordar é viver e nós, sempre que podemos, damos vida aos nossos mortos. Naturalmente que esquecemos alguns nomes porque nessa época, 1935, ainda fazíamos chi-chi nos calções.

"Então aponte aí", disse-nos a tia Lu, cujo nome de artista, nessa época, era *Lourdes Ferreira*: Artistas: Agonia, Neca da Areia, Maia, Água Doce, Guedes, Quim Campos, Ernestino (compère), Mariazinha do Querubim (comère), Abel Vinhas, Cristina do Bom Homem, Virgínia Carvalho, Leda, Gilda, Lourdes Ferreira, Dalila Saraiva, Lila Carlotinha, Linda do Russo, Eufirásia, Lourdes Maia e Maria Adelaide Padeiro.

Orquestra: Carlos Turra (piano), Penetra (violão), Martins (violino), Alberto Bebé (guitarra).

Claro que o ralhete da tia Lu era a mangar. Ela, que pisou o palco aos 6 anos, ficou com o "bichinho". Por isso nos contou coisas das revistas.

O diálogo do Lauzinho (da D. Belmirinha) - Agonia e o Assunção (pai do Minguinhos) - Zé Maia que às jactâncias do Lauzinho só dizia: também eu, também eu. O dr. Alcêu pintava os cenários. O Agonia, o Penetra e o Ernestino deslocavam-se várias vezes ao Porto para aprender as músicas das revistas que nesta cidade se exibiam e que eles, sobretudo o Ernestino, adaptavam às coisas de Fão.

Ah! Já nos esquecia: a tia Lu ainda se lembra (parece que ainda o estou a ver!) do sr. Américo Pereira (pai da Lulu), montado num escadote, a fixar na parede da sua casa um grande cartaz a anunciar um dos espectáculos que traziam Fão e arredores em polvorosa.

E por último ainda nos cantou as quadras que se entoavam em apoteose final em duas das revistas:

Faz bem recordar
"Recordar é viver"
Alegria no lar
Todos querem ter.

Nas horas ditosas
E sem desvarios
Recordemos saudosas
A revista "Sem Fios".

Se és bairrista
utiliza o banco local

Se és bairrista
usa o Correio da terra

Se és bairrista
faz as compras em Fão

FELIZ ANIVERSÁRIO



Do Brasil, mais propriamente, de S. Paulo, recebemos a fotografia que muito gostosamente inserimos acima. Trata-se do aniversário da nossa parente Lavemir Campos Saraiva, prima que muito estimamos. Com ela estão alguns filhos, Daniel e Maria Helena, fangueirinhos de gema, e uma ranchada de netos, que são igualmente netos de Fão.

Com o mesmo gosto de hoje, publicaremos qualquer fotografia que nos seja enviada por conterrâneos a viver no estrangeiro a propósito de quaisquer festas relacionadas com gente da nossa terra.

O NOVO FANGUEIRO

Mensário Regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Fernando de Almeida
Cecília de Amorim
Dinis de Vilarelho
J. C. Vinha Novais
A. Ramos Assunção
Artur Costa
Rosália Oliveira
João Pedras
Carlos Mariz
Marta Mariz Mendes
Alda Viana
Florinda de Almeida

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Apart. 36 - 4740 FÃO
0931.9451667 / Telex. 02-8000295 / 053-981475

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Rua Elias Garcia, 129 - PÓVOA DE VARZIM
Telex. 815230 / 884318 - Fax 684304

Assinaturas de "O NOVO FANGUEIRO"
Anual..... 1000\$00

A cobrança de "O Novo Fanguero" através dos Correios será por conta do assinante.

CONVERSANDO...

Por CECÍLIA PAIXÃO AMORIM

PÁSCOA

É uma data muito importante para todos os cristãos e nesta quadra tudo se anima e há no ar um cheiro de primavera inebriante de paz e felicidade.

Simboliza a grande vitória do Redentor sobre a morte e na Sua Ressurreição a promessa da vida eterna.

Bem aventurados aqueles que vivem com essa esperança.

Desde esse dia, o mundo escreveu uma nova página e encetou uma nova Era.

Jesus foi tão importante na história da humanidade, que o livro mais lido e traduzido é a sua Palavra e os seus testemunhos: a Bíblia Sagrada.

O seu exemplo sobre o amor é o mais lindo e comovente que pode chegar até nós.

Tudo deu: o amor, o perdão e a sua própria vida.

Tudo suportou, sem um queixume, pacientemente e no entanto era o Filho de Deus.

Meditemos neste exemplo de abnegação e desinteresse, onde só cabia um pensamento:

Amar os homens de tal maneira que se deixou imolar para salvação das suas almas. Cumpriu a vontade de seu Pai, o Deus Poderoso, que o deu como Salvador e Redentor de todos os homens.

Veio ao meu conhecimento através de "O Novo Fangeiro" que está para breve a inauguração da Cooperativa Cultural de Fão.

Foi para mim um motivo de alegria ver concretizado um sonho que levou anos a tornar-se realidade.

Faltam agora os requisitos necessários para poder cumprir as suas tarefas. É preciso dar-lhe vida e pôr a funcionar as potencialidades dos seus organizadores.

Estamos em plena primavera e com ela vem ao nosso pensamento, os projectos, os sonhos, e o desejo de fazer algo dum projecto há muito sonhado.

Fala-se muito no "Turismo do Minho" nas suas praias e nos seus encantos, mas no entanto, continua, em certos lugares tudo na mesma, no mesmo marasmo e indiferença.

Poucas terras há com tantos atractivos naturais como Fão e no entanto nada há que desperte o interesse das pessoas.

É preciso alguém que lhe dê um abanão e que consiga reunir todos os esforços e boas vontades para que tudo corra bem e seja um motivo de orgulho para todos os fangeiros.

A Cooperativa não é de meia dúzia de pessoas. É de todos os moradores desta terra que se interessam pela cultura, pelo desenvolvimento dos jovens e para que estes encontrem na C.C.F. um motivo que os afaste das tentações do álcool e da droga.

Quando o espírito está interessado em motivos saudáveis, elevados e humanos, não há lugar para pensamentos que os podem destruir.

Esta, é uma missão que compete aos homens que estão à frente de qualquer empreendimento pedagógico, recreativo ou espiritual.

Que a C. C. de Fão seja uma alavanca que ajude a mocidade e não só, a buscar motivos que os ajudem a ser felizes e a espalhar à sua volta felicidade e bem-estar.

LAMPREIA E... JÚLIO RESENDE!

Nem sequer sabemos se o credenciado pintor português gosta do não menos "credenciado" ciclóstomo, tão em voga nos restaurantes nos três primeiros meses de cada ano, onde ao excelente sabor (para quem gosta, claro...) se junta o amargo do preço. Mas o certo é que quem for provar a lampreiazinha e o sável lá para as bandas da bonita marginal do Douro pode, depois, aproveitar para fazer a digestão com uma visita, em local bem assinalado, ao "Lugar do Desenho" e à Fundação Júlio Resende.

Quando o jornalista lá foi, na Rua com o nome do artista, ao n.º 346, em Valbom, pertinho da margem do rio, pôde apreciar a qualidade de uma parte da obra de Júlio Resende, que incidia na visita ao Nordeste brasileiro. Mas Júlio Resende tem mais obras de grande destaque das suas visitas a Goa e ao Alentejo, parte das quais podem ser vistas nas bonitas salas da fundação, estando citadas nos boletins já publicados. De salientar que, além dos visitantes adultos, a obra do pintor foi já admirada por muitos jovens de escolas, em deslocações guiadas, podendo ainda ser esclarecidos pelas imagens de dois excelentes vídeos feitos por profissionais da RTP-Porto,



com relevo dos "cameras" Artur Moura e Guilherme Costa. Por lá viu ainda o jornalista uma excelente mostra de máscaras e fatos carnavalescos da brasileira Amara, com citações curiosíssimas, bem ao jeito do falar do Brasil, sobre a obra "Bumba meu boi", com quadros de Arlequim da Comédia del'Arte.

Esta, aliás, uma das exposições que passam pela Fundação que sempre pode revelar as obras de Júlio Resende e muitos outros temas de carácter cultural bem interessante, sobre a vida que margina o Rio Paraguaçu, gravuras em cobre, azulejos de Resende, serigrafias, postais, o conjunto sobre a "Ribeira Negra", com textos de Eugénio de Andrade e de Resende em quatro línguas, tudo isto, e muito mais, visando, como diz Júlio Resende "que a arte continua a ter a capacidade de despoletar nas consciências naturalmente os valores de que depende a sobrevivência do ser humano. Até porque a sensibilidade é o despertador da consciência de cada um!" E os "Fangeiros" já sabem: junto ao Rio Douro, lampreia e... Júlio Resende!

Dias Costa

FÃO E ESPOSENDE MUITO VISITADOS

As nossas bonitas terras de Fão e de Esposende foram mais uma vez admiradas por muita gente de fora. Neste caso concreto, profissionais de Companhia de Aviação de seis países: Angola, Portugal, Marrocos, Brasil, França e Argentina. O que se deveu a mais uma iniciativa do Interline Clube de Portugal que, tal como há dois anos, voltou a realizar o "Mundialito" de Futebol na zona de Braga. O Movimento Interline, em Portugal, engloba cerca de 800 elementos das empresas aéreas e à roda da prova há sempre muita movimentação turística. Foi assim com Fão, Esposende, Póvoa de Varzim, Sameiro e outras zonas dos arredores de Braga, sendo de relevar que os argentinos e angolanos, finda a prova, percorreram ainda outras partes do lindo Norte de Portugal, em movimentações turísticas. Quanto à prova, foi ganha, pela terceira vez, pela equipa de Sonangola de Angola, derrotando a RAM (Marrocos) por 4-3 nos penalties da final. "Verde Blu" (Brasil) e Interline de Portugal ocuparam os terceiros e quartos lugares, entre dez equipas classificadas, sendo os encontros dirigidos por credenciados árbitros das Divisões nacionais. Mais um triunfo para a equipa directiva liderada pelo presidente Afonso Brito, num clube que fez em 1998 20 anos e que realizou agora a edição n.º 18, edição voltada para a Amizade e turismo neste caso com ganhos de Fão e Esposende.

Dias Costa